

diálogos com a

GERAÇÃO Z

Ano 6 | #04 | 2015

CI
DA
DES
PARA
PESSOAS

Fronteiras
EDUCAÇÃO

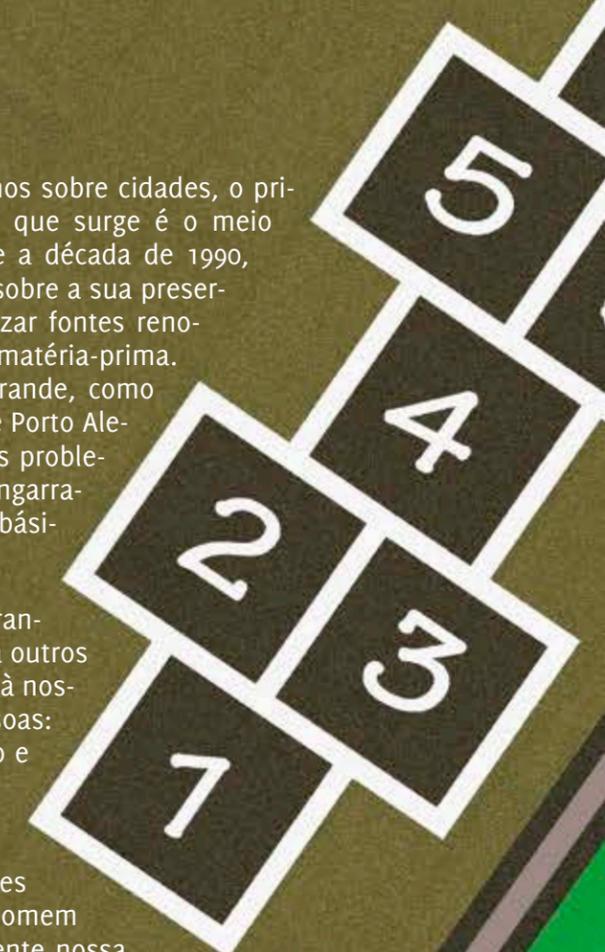
VIVER COMO VIVER JUNTOS?

Mas, ao morarmos em uma cidade grande, também precisamos estar atentos a outros tipos de desafios que estão relacionados à nossa convivência e à interação entre as pessoas: falta de tolerância, violência, falta de diálogo e distâncias sociais.

Atualmente, 80% dos brasileiros vivem em grandes cidades em busca de empregos e boas condições de vida. A cidade é a melhor forma encontrada pelo homem para potencializar suas capacidades e realizar plenamente nossa tendência à vida em sociedade.

Os problemas existem e são reais. Mas viver juntos, em um mesmo lugar, nos permite explorar ao máximo nossas qualidades e fomentar nossa criatividade para pensar em novas possibilidades e soluções para a vida nos grandes centros urbanos. O que podemos fazer para tornar a nossa cidade uma cidade para pessoas?

Quando falamos sobre cidades, o primeiro assunto que surge é o meio ambiente. Desde a década de 1990, existe um debate sobre a sua preservação e como valorizar fontes renováveis de energia e matéria-prima. Viver em uma cidade grande, como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, é se deparar com vários problemas ambientais: poluição, engarrafamentos, falta de saneamento básico, entre outros.



A ERA DAS GRANDES CIDADES

Nas últimas décadas, as cidades têm recebido um número cada vez maior de pessoas. O esvaziamento do campo, a busca por oportunidades de emprego e por cursos técnicos e acadêmicos, e a mudança para alcançar condições básicas de vida são alguns dos fatores que levam indivíduos, famílias e grupos a migrarem para os grandes centros urbanos.

Atualmente, 80% dos brasileiros vivem em cidades. Este número está aumentando de forma consistente e tende a crescer ainda mais nos próximos anos, transformando metrópoles em verdadeiras megalópoles. Uma cidade que começa a receber grandes ondas de [migração](#) cresce, e ao seu redor também crescem as cidades vizinhas. Muitas vezes, fica difícil identificar onde uma cidade começa e outra termina.

É a era das grandes cidades, das cordilheiras urbanas, da vida predominantemente urbana. Mesmo regiões agrícolas têm sua população reduzida graças ao aumento da tecnologia e ao uso de máquinas, impelindo trabalhadores rurais (e suas famílias) a migrarem para o meio urbano.

Neste contexto, destaca-se um elemento fundamental das cidades: seus cidadãos. Toda cidade é formada de pessoas. Pessoas que nasceram lá, que passam por lá, que chegaram lá. Pessoas com objetivos, culturas, anseios, sonhos e hábitos muito diversos.

A era das grandes cidades lança um desafio. Uma questão importante e, ao mesmo tempo, um indicador de caminhos: [como viver juntos](#).

#migração

Movimentação de entrada (imigração) ou saída (emigração) de indivíduos em busca de melhores condições de vida. A migração pode ocorrer entre países diferentes ou dentro de um mesmo país.

#como viver juntos

Tema da edição 2015 do *Fronteiras do Pensamento*.

O que acontece quando muitas pessoas ocupam o mesmo espaço?

Uma grande cidade agrega mundos dentro de mundos. Pequenos centros espalhados por diversas regiões e bairros voltados para o comércio, bairros-dormitórios, centros comerciais, condomínios de luxo, favelas, indústrias, presídios. Uma infinidade de núcleos que criam fluxos de movimento e relações.

Conectados por ruas, avenidas, calçadas, linhas de trens e metrô, os cidadãos se encontram e estabelecem formas de contatos uns com os outros. Na cidade grande, convivemos entre desconhecidos. Uma massa de indivíduos que talvez nunca venham a criar um laço e trocar uma palavra. Ou até mesmo estabelecer uma relação não espacial por meio das redes digitais.

Quanto maiores as cidades, mais bens e serviços elas oferecem. Serviços 24 horas, ampla programação cultural, variedade gastronômica, produtos eletrônicos, importados, industrializados, naturais. Isso também vale para as oportunidades de emprego e de estudo.

Mas em igual proporção estão os problemas. Altos índices de violência e criminalidade, serviços públicos insuficientes para as demandas de toda a população, disputa por colocação profissional e diferentes formas de desigualdade.

O equilíbrio que sustenta uma cidade é complexo e se forma de uma infinidade de redes de relações entre pessoas que dividem afinidades, que utilizam os mesmos serviços e que, por outro lado, podem ter interesses completamente diversos.

É imperativo debater o tema da convivência, do “viver juntos”. Uma cidade se constitui de indivíduos que, mesmo diferentes entre si, partilham o espaço como algo comum a todos. São, portanto, concidadãos, integram e partilham o mesmo ambiente, estabelecendo-o e transformando-o a partir de suas posturas, atitudes, comportamentos, atividades e participação.

Observemos mais atentamente as questões que perpassam as grandes cidades para, efetivamente, fazer delas um cenário para as pessoas.

COMO ELAS CRESCEM

O processo de urbanização no Brasil tem sua história associada à industrialização. Marcadamente no início do século XX, a indústria passou a atrair milhares de trabalhadores que abandonaram as zonas rurais. O governo começou a se interessar pelo processo de industrialização nos anos 1930, devido à crise do modelo agrário-exportador, em especial da economia cafeeira.

Uma vez que a riqueza estava concentrada na Região Sudeste, foi nela que se formaram os primeiros polos industriais do País. Com isso, toda uma estrutura se formou em torno da indústria: sistemas bancários, mão de obra especializada, mercado consumidor, melhor infraestrutura urbana etc. A região atraiu imigrantes de diversos pontos do território nacional, com destaque para os imigrantes nordestinos. Foi a primeira região a ter uma população urbana superior à rural.

O modelo urbano-industrial se tornou objeto central por parte do investimento governamental de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e dos governos militares, promovendo um crescente aumento da população urbana. A construção de Brasília, no governo Kubitschek, provocou nova onda migratória, desta vez para a Região Centro-Oeste, que recebeu a maior onda de imigrantes das Regiões Norte e Nordeste do País, e se consolidou como a segunda região mais urbanizada (posição antes ocupada pela Região Norte).

A partir da década de 1970, a população urbana brasileira ultrapassou a população rural. Neste período, ocorre também a descentralização da indústria, que passa a se desenvolver em outras regiões. Diversos incentivos foram implementados para atrair empresas e indústrias a novos locais, combatendo a retração industrial dos anos 1980. Com isso, houve um aumento significativo de urbanização nas Regiões Sul, Norte e Nordeste.

Dessa forma, as cidades cresceram, impulsionadas por políticas nacionais voltadas para a mudança de *status* de País agrário para industrial.

CONSEQUÊNCIAS E ESTRATÉGIAS

O crescimento das cidades brasileiras ocorreu na maior parte das vezes de forma descontrolada e desordenada, acarretando em muitas consequências negativas que, na maioria das vezes, reduzem os ganhos de crescimento e acabam encobrindo as consequências positivas.

A concentração de capital e desenvolvimento no processo de industrialização e urbanização agregou às cidades maiores ofertas de emprego e serviços (saúde, educação, segurança, transporte, saneamento etc.). Mas careceu de planejamento urbano.

O conceito de planejamento urbano não aponta, como o nome pode sugerir, a construção parametrizada de uma cidade, como ocorreu em Brasília. É uma forma de antecipar o futuro, propondo estratégias e ações que lidem com os impactos positivos e negativos da urbanização, para melhorar a qualidade de vida nas cidades. Isso pode ser feito através do ordenamento do espaço físico, de leis e mecanismos de controle do uso do solo e das atividades urbanas, da distribuição de serviços e oportunidades à população.

A favelização é uma das consequências da falta ou das deficiências do planejamento urbano. Moradias precárias em áreas ocupadas ilegalmente nas capitais brasileiras se multiplicaram de forma irregular e acelerada. Seus moradores são pessoas atraídas pelas maiores ofertas de emprego da cidade, mas não dispõem de recursos para adquirir ou alugar imóveis nas regiões centrais. Eles se estabelecem em lugares “rejeitados” pela ocupação formal: periferias distantes e áreas de risco – morros, margens de rios. A falta de oferta de habitação popular, aliada às deficiências de fiscalização, levaram ao estabelecimento de favelas cada vez maiores, nas quais muitas vezes não estão garantidas as condições básicas de higiene, saneamento, segurança e serviços.

Outro aspecto negativo é o alto índice de violência urbana. As ocorrências de furto, roubo, sequestro, entre outras formas de violência, cresceram na maior parte das grandes cidades.

E dois outros fatores ainda merecem destaque: as enchentes e os deslizamentos, causados principalmente pelo asfaltamento do solo, ocupação de áreas de preservação e o grande volume de edifícios; e a poluição, causada por indústrias, automóveis e emissão gases poluentes por outras fontes, afetando a qualidade do ar e contaminando rios e lençóis freáticos.



A ORIGEM DOS PROBLEMAS

O físico **Geoffrey West** argumenta que as origens de muitos dos problemas contemporâneos estão nas cidades. “Há 200 anos, os Estados Unidos tinham menos de 4% de urbanização. Agora esse número chega a mais de 82%. O planeta ultrapassou a marca de 50% alguns anos atrás. A China vai construir 300 novas cidades nos próximos 20 anos. (...) Em um futuro previsível, até 2050, toda semana, mais de um milhão de pessoas somam-se às nossas cidades. Isso vai afetar tudo.”

A perspectiva de West aponta para um aumento de 75% da população mundial urbana até 2050, o que significa acrescentar ao mundo uma área metropolitana como a de São Paulo a cada dois meses até aquele ano.

É um fenômeno global e, por essa razão, traz consequências para todos os habitantes do planeta. O aquecimento global e as mudanças climáticas estão diretamente ligados à industrialização e se tornam ainda mais graves com o supercrescimento das cidades. A expansão urbana chinesa afeta, portanto, não apenas a China, mas todo o clima do planeta, pois a diminuição das áreas verdes e o aumento da poluição decorrentes do processo de urbanização têm efeito para além das extensões de seu território.

Junto ao aquecimento global e às mudanças climáticas, já foi diagnosticada a elevação do nível do mar. Para as cidades litorâneas, tal como para ilhas e arquipélagos, os efeitos poderão ser desastrosos.

Além disso, uma cidade consome um volume muito grande de recursos naturais. Com o aumento das cidades e a consequente diminuição das atividades em áreas não urbanas, o planeta enfrentará a escassez de recursos naturais.

Há também questões econômicas envolvendo o mercado financeiro e os riscos a assumir neste novo cenário global das megacidades.

Outro ponto já destacado é a própria vida nas cidades. Haverá energia e água para serem distribuídas a toda a população urbana? Os serviços de saúde, educação, transporte, habitação e segurança poderão dar conta do contingente populacional e da complexidade das megacidades?

#entropia

Segunda lei da termodinâmica, descreve, de modo simplificado, que, para a manutenção de algo em algum lugar, um distúrbio ou desordem é criado em outro lugar.

O SUPRIMENTO DAS SOLUÇÕES

O quadro de expansão urbana é irreversível e dificilmente será refreado. West, consciente disso, enxerga nela também perspectivas positivas. “Contudo, as cidades, apesar de terem esse aspecto negativo associado a elas, também são a solução. Porque as cidades são os aspiradores e os ímãs que têm atraído as pessoas criativas, criando ideias, inovando e gerando riquezas. Temos esta espécie de dualidade natural.”

O físico encontrou na biologia um novo olhar sobre a urbanização, entendendo o mecanismo de funcionamento das cidades em analogia aos organismos vivos. O metabolismo da cidade, ao criar e sustentar benefícios para si, acaba por gerar, como efeitos **entrópicos**, fenômenos como o crescimento da criminalidade e a favelização.

Mas, afinal, o que são as cidades senão as suas pessoas? A razão de existir de uma cidade são os seus moradores, e a interação entre eles determina a sua dinâmica.

A questão da interação merece especial atenção na teoria de West, pois a visão da biologia física aponta para a interligação entre todos os elementos. A criminalidade está ligada ao mercado financeiro e ao aquecimento global, por exemplo. As cidades são redes, são sistemas complexos.

O crescimento das cidades tende a fazer crescer tanto aspectos positivos, como o aumento da renda per capita e o número de profissionais com alta performance criativa, quanto os negativos, como corrupção. A tendência de um crescimento desequilibrado pode ser a ruptura das redes de interação e, no limite, o colapso do sistema.

A saída apontada por West para evitar o colapso é o desenvolvimento de inovações. O tempo de reinvenção das cidades, todavia, é cada vez mais acelerado. As inovações capazes de evitar a crise da cidade precisam ser cada vez mais velozes, o que exigirá respostas políticas mais rápidas às questões urbanas e planos de longo prazo para as cidades.

#Geoffrey West (1940)

Físico teórico britânico. Um dos mais destacados pesquisadores dos modelos científicos das grandes cidades. Conferencista do *Fronteras do Pensamento* no ano de 2014.



O QUE UNE AS PESSOAS?

Se Geoffrey West destaca a cidade como as pessoas que nela habitam e as conexões que estabelecem entre si, nada melhor que recorrermos à ciência que trata das relações do homem na sociedade: a sociologia.

Em certas comunidades carentes urbanas do passado, era possível observar um cenário cooperativo entre diferentes etnias. Negros e brancos trabalhando em projetos conjuntos nos EUA, judeus e muçulmanos fazendo o mesmo em Paris. Quem traz essa observação é o sociólogo **Richard Sennett**, que estudou as relações cívicas e sociais em comunidades étnicas carentes entre os anos 1970 e 1980. Essas cooperações existiam inclusive em tempos anteriores, todavia elas acabaram desaparecendo.

Para ele, essa é uma característica do tempo presente: a dissipação da ideia de interdependência. Em uma cidade, um precisa do outro, fazem parte do mesmo grupo. Ademais, interdependência aponta para uma participação cooperativa entre as pessoas, não para uma participação em grupos isolados com interesses específicos apenas, como o seu bairro, seu grupo social, étnico ou religioso. O que uniu judeus e muçulmanos foram necessidades e interesses partilhados e o pertencimento a um mesmo contexto geograficamente delimitado no qual ambos estavam inseridos.

Muitos pensadores da sociologia, como Georges Sorel e Gustave Le Bon, acreditavam que era a violência que unia os seres humanos. Mas Sennett discorda dessa visão. “Acho que algo que nós temos que superar é um tipo de ideologia que iguala a cooperação e diz que ela está em conflito com a concorrência. E a concorrência é algo em que nem todos ganham. Torna-se impossível, portanto, ter qualquer tipo de cooperação, seja política ou social. Então, passei a pensar em formas pelas quais poderíamos analisar a cooperação e a concorrência como algo que pode acontecer ao mesmo tempo.”

Coopetição (*coopetition*) é um termo inventado por **Charles Sabel** em 1982 e consolidado em 1997 em seu livro *Work and Politics: The Division of Labor in Industry*, para designar a relação integral entre cooperação e competição em sistemas econômicos dinâmicos e que serve para designar **competição e cooperação simultâneas e não contraditórias** entre agentes desses sistemas.

Portanto, trabalhar com a ideia complexa de que competição e cooperação são aspectos complementares e simultâneos conduz à busca de um modelo de urbanização no qual sistemas, entidades, pessoas e organizações distintas e rivais podem ajudar-se mutuamente, associando-se às potencialidades e restrições do ambiente, construindo um pretenso desenvolvimento sustentável.

#Richard Sennett (1943)

Sociólogo, historiador e escritor, é um dos maiores intelectuais em sociologia urbana da atualidade. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2015.

#Charles Sabel (1947)

Cientista político norte-americano, professor de Direito e Ciência Social na Universidade de Columbia.

SOCIABILIDADE

Após a crise financeira de 2008 nos Estados Unidos, muitos sociólogos acreditaram que haveria uma grande mobilização, que as pessoas sairiam às ruas e uma forte coesão social seria instaurada. O que se esperava era o surgimento de uma onda de solidariedade social, com as pessoas unidas como um único corpo. Mas isso não ocorreu. Sennett defende que sociedades complexas precisam ser descritas não sob o ponto de vista da solidariedade, e sim da sociabilidade.

As sociedades complexas são aquelas em que vivemos hoje, nas quais há “uma ligação entre pessoas que são diferentes ou têm pontos de vista diferentes”, definiu Sennett.

O pensador recorre a **Georg Simmel** para defender a sociabilidade como uma habilidade, que se aprende e se desenvolve, voltada para interação e exploração das diferenças entre as pessoas – sem contraste com a solidariedade, que é um caminho que naturalmente busca e implica uma união baseada na adoção de uma mesma crença.

Sennett divide a sociabilidade em três habilidades **dialógicas**:

- **ESCUTAR**: é a habilidade de saber ouvir e entender, inclusive, o significado por trás das palavras utilizadas;
- **DIRIGIR**: é a habilidade que aponta para o uso de uma voz subjuntiva, por meio da qual se abre um espaço para a ambiguidade para que possa existir um relacionamento mesmo com ideias diferentes e falta de consenso;
- **ESTABELECEER DISTÂNCIAS SOCIAIS E ADMINISTRÁ-LAS**: é a habilidade de se colocar a partir das distâncias (como mulher, como muçulmano, como funcionário público etc.) em um processo colaborativo.

Em uma relação mediada pela sociabilidade, a identidade individual desafia as pessoas a dialogarem, justamente por não conhecerem a experiência do outro. A identificação com o outro (“eu sei como você se sente”) cede lugar a uma postura mais madura, a da empatia (“eu não sei como você se sente, mas sei que isso é muito importante para você”).

“Pessoas que não são iguais e talvez nem gostem umas das outras podem, mesmo assim, estabelecer uma ligação social”, explica Sennett.

#Georg Simmel (1858-1918)

Sociólogo alemão que contribuiu decisivamente para a consolidação da sociologia na Alemanha por meio de uma obra que traz esta ciência como título, publicada em 1908.

#dialógico

Termo que se refere a diálogo, a estabelecer uma discussão ou debate através do diálogo entre duas ou mais pessoas.

O ESPAÇO E O SUJEITO URBANOS

O espaço urbano é o local ocupado por uma cidade onde há uma contínua edificação e pesada infraestrutura, que inclui sistemas elétricos, de esgoto, de transporte, além de uma série de serviços voltados à população.

As transformações sociais que ocorrem na atualidade estão promovendo, como apontou Sennett, uma mudança no sujeito urbano. Pode-se destacar o fenômeno da imigração contemporânea como um dos fatores que têm contribuído para tais transformações.

A socióloga **Saskia Sassen**, que traz importantes reflexões sobre a dinâmica do espaço e do sujeito urbanos da atualidade, se debruçou seriamente sobre o fenômeno migratório. “Temos muitos imigrantes provindos de diferentes culturas, de diferentes idiomas, religiões e partes do mundo. Eles se encontram. E, neste sentido, a cidade se torna uma espécie de lugar de fronteira. Eles se tornam presentes uns aos outros.”

As guerras e os conflitos do mundo estão criando uma nova onda de movimentação global: a dos refugiados. São pessoas em fuga para regiões mais estáveis que a de seus locais de origem.

Sassen não vê a questão dos refugiados como uma migração. “Os EUA receberam uma série de crianças que viajaram sozinhas fugindo da violência. Não são migrantes, isto é, pessoas que saem em busca de uma vida melhor. Essas pessoas não querem uma vida melhor, eles querem aquele elemento mínimo de vida”, argumentou. Os refugiados inauguram uma nova fase nas cidades.

Para as cidades estão migrando também pessoas que perderam seu *habitat*. Isso se deve não apenas às guerras, mas também ao aumento das terras utilizadas para agricultura e pecuária mecanizadas, que resultam na perda de fauna, flora e expulsão de pessoas, geralmente por meio da ação dos chamados “grileiros”.

Muitas pessoas carentes e vulneráveis são recebidas nas grandes cidades contemporâneas, e é preciso cuidar para não as “achatar”, dando-lhes voz e condições de exercer plenamente sua cidadania. “A cidade é um espaço muito diverso que permite uma terceira diversidade, que é uma complexidade dos sem-poder, a possibilidade de eles fazerem algo”, argumentou Sassen.

#Saskia Sassen (1947)

Socióloga e autora holandesa referência na área da sociologia urbana por suas análises sobre os fenômenos da globalização, da migração urbana e do impacto das tecnologias de comunicação nas formas de governo. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2015

#grileiros

Pessoas que tomam posse de terras de modo ilegal, chegando a utilizar de violência e falsificar documentos que comprovem a legalidade da propriedade da terra.

DESURBANIZAÇÃO

“Ao longo dos últimos 30 anos, houve perda de renda de metade da população mundial e tamanha concentração no topo que simplesmente chegamos ao limite. É a explosão disso que estamos vendo agora nas nossas cidades”, colocou Sassen.

A estrutura do espaço urbano das grandes cidades experimenta uma mudança de cenário na qual pequenas propriedades particulares cedem lugar a grandes propriedades corporativas. Ocorrem aquisições massivas de espaço, tanto de edifícios particulares como também públicos. Disso decorrem implicações no campo do direito, da democracia e da equidade.

O espaço passa a ser cada vez mais desurbanizado e privatizado. Praças públicas e parques dão lugar a *shoppings*. Quarteirões inteiros passam a se tornar propriedade privada, muitas vezes com apoio governamental para fechar ou ter controle sobre o tráfego de ruas.

De acordo com uma pesquisa realizada por Sassen, as 100 principais cidades do mundo estão recebendo pesados investimentos locais e estrangeiros de pessoas interessadas na compra de imóveis e terras. “Em Amsterdã, um investidor estrangeiro comprou 12 edifícios antigos e tombados no centro da cidade. Em Londres, a nobreza do Qatar tem mais propriedades do que a família real inglesa”, apontou.

A urbanização está relacionada com certa incompletude da cidade, algo que é potência, na visão da socióloga, mas que está sendo erradicado pela expansão das áreas corporativas. “Torres e mais torres de escritórios, áreas corporativas, erradicam a incompletude da cidade”, salientou.

Sem esse caráter incompleto, os sem-poder não poderão fazer história. “Os espaços incompletos são zonas estratégicas nas quais podemos implantar o nosso conhecimento, inovar de maneiras extraordinárias.”

TERRITÓRIOS GLOBAIS E CONECTADOS

Outro fenômeno urbano para o qual Saskia Sassen chama atenção e que se intensifica na contemporaneidade é a formação de cidades globais. Antes do surgimento das eras industrial e digital, o mundo já iniciava um processo que ficou conhecido como “globalização”. Ele faz parte do contexto capitalista e seus primórdios e está relacionado ao fim do feudalismo. A expansão marítima e as novas possibilidades comerciais criadas por ela forneceram a base para o desenvolvimento do sistema capitalista. As embarcações encontraram novos consumidores e fontes fornecedoras de matérias-primas.

O mundo começa a ser interligado por relações econômicas. O aperfeiçoamento dos meios de transporte (barcos, máquinas a vapor, trens, automóveis, aviões etc.) e dos meios de comunicação (cartazes, jornal, telégrafo, telefone, rádio, televisão, internet etc.) fortaleceu a globalização, conectando de maneira mais veloz e eficiente diversos pontos do planeta.

Este processo permitiu o surgimento das cidades globais. Sempre houve cidades que abarcaram muitas culturas e etnias em tempos anteriores ao surgimento do capitalismo. Mas as atuais cidades globais guardam características específicas de nosso tempo. O tamanho importa, mas não é o principal critério para caracterizar uma cidade global, e sua influência sobre o sistema mundial, os investimentos estrangeiros, a acessibilidade via transporte aéreo, as inovações tecnológicas e a diversidade étnica são mais importantes.

No final dos anos 1980, as três principais cidades globais eram Nova York, Londres e Tóquio. A lista cresceu, e cidades como Paris, Hong Kong, Pequim, Singapura, Dubai e Sidney passaram a figurar entre as mais destacadas. No Brasil, a principal cidade global é São Paulo, seguida pelo Rio de Janeiro e, mais recentemente, Porto Alegre e Curitiba.

Uma cidade global geralmente é conhecida independentemente de seu país e ocupa uma posição de circulação de bens culturais e mercadorias e influência internacionais.

As cidades globais são, portanto, os nós da rede mundial, os locais de maior fluxo e de agenciamento das dinâmicas sociais e econômicas do planeta.



QUEM É O DONO DA CIDADE?

Muitas cidades têm interesse em entrar para o *ranking* das cidades globais, uma vez que esta classificação pode favorecê-las em suas relações sociais e, especialmente, econômicas.

As cidades globais são impactadas por fenômenos específicos derivados de suas próprias características transnacionais. Investidores atentos às cidades como pontos de influência global passam a se interessar não apenas pelas oportunidades de negócio, mas também pela aquisição de espaço dentro desses núcleos.

Sassen observa que em uma cidade como Londres, símbolo do Reino Unido, “mais da metade dos edifícios eram de propriedade estrangeira – especialmente de entidades da Europa continental e japonesas” já no final da década de 1980.

Isso significa que um grande volume de edifícios de uma cidade pode não pertencer aos moradores daquela cidade, ou nem ao menos daquele país, mas a proprietários que os controlam a uma enorme distância.

O impacto urbano gerado é evidente, pois a vida cotidiana da cidade e a coesão de suas áreas se vê afetada por influências externas a ela. Mesmo prédios icônicos podem estar sob domínio estrangeiro (como o Rockefeller Center, em Nova York). Algumas propriedades são residenciais e foram adquiridas como investimento (seguro ou especulativo), mas nem sempre são ocupadas. Com isso, a cidade passa a agregar espaços fechados ou desocupados, prejudicando sua dinâmica e configurando um dos fatores de desurbanização.

“Isso retira a textura e a porosidade, como Richard Sennett chamaria, do ambiente construído urbano. Elas não contribuem com as características da cidade. Ao contrário, matam-na”, argumentou Sassen.

Parte do processo de desurbanização decorre também da desnacionalização de serviços. As concessões de serviços de transporte, saneamento e até mesmo de gestão da cidade via agências e institutos transnacionais são fenômeno recorrente nas cidades globais, especialmente em países “em desenvolvimento”.

O EXEMPLO DE NOVA YORK

PENSAR AS CIDADES PARA AS PESSOAS



A ideia de que as grandes cidades devem ser “pensadas para as pessoas” vem se tornando cada vez mais comum nos discursos de militantes, políticos, cidadãos e estudiosos do espaço urbano. Em um primeiro momento, pode parecer um conceito óbvio. Para quem mais, afinal, as cidades deveriam ser pensadas? Porém, se pararmos para refletir, essa discussão faz bastante sentido.

Ao conversarmos com amigos, parentes, colegas e professores, é normal escutarmos diversas reclamações sobre a cidade onde vivemos. O caos urbano gera um desgaste constante, e temos a sensação de que as vias públicas mais atrapalham do que ajudam nossas vidas. Falta de informações, assaltos, poluição sonora, engarrafamentos que geram atrasos – tudo isso afasta as pessoas dos espaços públicos, que acabam sendo vistos apenas como locais de passagem, como obstáculos, e não como o rico espaço de trocas e convívio que poderiam ser.

Há muitas consequências visíveis da desorganização das grandes cidades: lojas que migram das ruas para o ambiente privado dos *shoppings*, supostamente mais seguros, pessoas que se veem obrigadas a se deslocar de carro devido à precariedade do transporte público, jovens que trocam bibliotecas e centros esporti-

vos por opções de lazer dentro de casa devido à falta de alternativas nos bairros onde vivem. O que não percebemos é que essas opções acabam acentuando os problemas. Com menos lojas nas ruas, há também um menor movimento, o que

aumenta a insegurança. Mais carros na rua geram mais congestionamento, o que torna o deslocamento de todos ainda mais difícil. A redução do público em espaços urbanos de lazer sugere que há pouca demanda, e as políticas para ampliá-los e revitalizá-los se tornam cada vez mais improváveis.

É a isso que muitos se referem quando dizem que a cidade deve ser pensada para as pessoas: devemos quebrar este círculo vicioso e enfrentar o senso comum que adota soluções simplistas que, como vimos, acabam retroalimentando os problemas. É preciso pensar em alternativas para tornar a vida de todos e de cada indivíduo melhor e mais plena. É uma tarefa complexa, mas há exemplos de sobra ao redor do mundo para nos mostrar que isso é possível.

Um dos casos mais emblemáticos de revitalização urbana é o de Nova York. Após ter sido considerada uma das cidades mais violentas dos Estados Unidos durante a década de 1970 e de ter experimentado uma situação próxima ao caos urbano, a administração municipal planejou e executou diversos projetos de longo prazo para torná-la atraente. Não é por acaso que hoje ela retomou a posição de uma das principais metrópoles do mundo.

Uma transformação como essa exige muito tempo e o trabalho dedicado de milhares de pessoas. Mas, no que diz respeito a planejamento urbano, o nome mais lembrado é o de [Janette Sadik-Khan](#). Quando ela assumiu a Secretaria de Transportes de Nova York em 2007, houve desconfiança por ter formação em Ciências Políticas e em Direito, e não nas áreas normalmente associadas a questões de mobilidade urbana – urbanismo, engenharia. No entanto, sua contribuição foi justamente a de trazer uma nova visão para problemas antigos, e assim transformar a vida na cidade.

Uma de suas principais realizações foi demonstrar na prática que melhorias no transporte urbano não é algo que reverte apenas em prol do bem-estar dos habitantes: na verdade, isso ajuda enormemente a economia local. As áreas que foram objeto de sua atuação, recebendo novas ciclovias e uma boa cobertura do transporte público em Nova York, registraram um aumento de circulação de pessoas acompanhado da redução de acidentes no trânsito. Assim, com mais pessoas na rua, a segurança de todos aumentou, e um dos principais beneficiados foi o comércio. As zonas revitalizadas apresentaram crescimentos de 48% nas vendas em apenas dois anos, muito acima da média do resto da cidade.

Mas, talvez, seu maior legado tenha sido a implementação de um sistema de intervenções efêmeras que antecedem as obras de mobilidade urbana. Em vez de construir ciclovias ou calçadas em locais previamente determinados, a prefeitura cria vias temporárias para avaliar quais têm boa aceitação junto à população e quais precisam de alterações, para apenas então implantar a estrutura definitiva. Em um meio em que grandes erros são cometidos, Sadik-Khan mostrou que, se alguns equívocos são inevitáveis, a solução é fazer com que eles possam ser corrigidos.



#Janette Sadik-Khan (1960)
Urbanista norte-americana. Secretária de Transportes de Nova York de 2007 a 2013. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2015.

CENÁRIOS CRIATIVOS E INOVADORES

As grandes cidades oferecem grandes desafios para a criação de um ambiente de vida confortável para seus habitantes. Mas elas também trazem imensas vantagens – se não fosse assim, não haveria tanta gente vivendo nelas. Há uma imensa disponibilidade de produtos e serviços, além de uma grande variedade de atividades culturais e uma possibilidade maior de entrar em contato com pessoas de todos os tipos.

Por isso é tão importante o espaço público: é nele que as pessoas entram em contato e interagem das mais diversas formas, gerando o surgimento de novas ideias e a elaboração de novos projetos. Em outras palavras, uma cidade que estimula os encontros incentiva a criatividade e gera mais *inovação*.

Existem algumas cidades em que esse processo é encarado como uma das prioridades, e elas acabam se destacando em todo o mundo por causa disso, seja por sua cena artística, pelo ambiente cultural rico ou por sua diversidade. É mais fácil que isso ocorra em cidades extensas – afinal, quando há muita gente junta, é normal que o número de ideias cresça na mesma proporção. Exemplos são Londres, São Paulo e Nova York.

Mas também há locais que chamam a atenção devido à alta quantidade de artistas, empreendedores e inovadores em relação ao seu tamanho. Um dos principais exemplos é Reiquiavique, a capital de um pequeno país chamado Islândia, uma cidade com 120 mil pessoas, mas que é conhecida no cenário artístico internacional por ser a terra de origem de um vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, Halldór Laxness, e da cantora Björk, por possuir uma grande casa de ópera e ter uma das maiores publicações de livros *per capita* do mundo.

No caso da Islândia, essa efervescência cultural ajudou a superar uma grave crise econômica que assolou o país em 2008. O seu modelo não pode ser exportado para grandes cidades, visto que a administração de cidades de médio porte apresenta desafios distintos daqueles verificados em megalópoles. No entanto, a cidade serve de exemplo de objetivo a ser perseguido por outras gestões: estimular a cultura e a criatividade para fortalecer a economia e melhorar a vida da população de todas as maneiras possíveis.

ESTIMULAR A CONEXÃO

Quando lemos sobre iniciativas interessantes que acontecem em cidades ao redor do mundo, tendemos a pensar que coisas assim jamais ocorreriam na nossa cidade. Alguns estudos apontam que isso é algo natural: as pessoas são propensas a focar nas piores características dos locais onde vivem. Por um lado, isso é ruim, pois alimenta o descontentamento da população, que passa a ter um carinho menor por seu próprio ambiente de convívio. Acabamos, assim, com a tendência de cuidar menos daquilo de que não gostamos.

Mas também é possível tirar coisas boas desse descontentamento. O incômodo é a semente dos projetos criativos, pois a principal motivação das pessoas que participam de projetos de aprimoramento do espaço urbano é a vontade de transformar o seu entorno. Isso se torna muito mais fácil quando as pessoas percebem que têm algo a ganhar – daí a importância da economia criativa. O conceito é utilizado para se referir a modelos de negócios e gestão que surgem a partir da criatividade e dos conhecimentos de indivíduos que desejam produzir lucro.

Exemplos de economia criativa, utilizada muitas vezes como forma de complementação de renda de pessoas que também possuem empregos fixos, vêm se tornando cada vez mais comuns. Há iniciativas muito antigas e bem consolidadas, que fazem parte da vida das grandes cidades: as feiras de rua organizadas pelos próprios agricultores, como aquela que ocorre todos os sábados pela manhã no Parque da Redenção em Porto Alegre. Mas também tem muita coisa nova acontecendo na cidade: os *food parks* (que organizam diversos comerciantes de “carrocinhas” para criar praças de alimentação), as feiras de trocas de mercadorias (que propõem uma modalidade interessante de interação de consumo, onde o dinheiro não precisa ser utilizado) e a *Junção Makers*, um evento realizado no complexo arquitetônico Vila Flores onde os expositores são os próprios produtores de suas mercadorias.

Todas essas atividades econômicas também servem para estimular a conexão entre cidadãos. E isso é importante, porque, juntos, eles direcionam sua energia para gerar melhorias. Afinal, as grandes transformações geralmente não partem de indivíduos isolados, mas de grupos. O debate e o convívio servem para aprimorar ideias, trocar experiências e tornar os projetos mais sólidos, viabilizando-os. Afinal, como diz a economista e doutora em urbanismo Ana Carla Fonseca, “A cidade não é criativa, quem é criativo são os cidadãos”.



PROJETOS PARA MELHORAR A VIDA URBANA

Existem muitos projetos que têm como objetivo melhorar a vida nas grandes cidades, e vários deles são organizados e executados pela própria população, sem participação do poder público. Também há casos em que empresas privadas patrocinam as ações que exigem maiores gastos. Mesmo assim, é possível fazer muita coisa sem precisar de um grande orçamento. Conheça alguns exemplos que podem inspirar!

BIBLIOTECAS MÓVEIS

As bibliotecas móveis são uma ideia que se alastra cada vez mais pelo Brasil, quase sempre organizadas por pessoas que sentem a necessidade de uma biblioteca em sua comunidade, mas que não têm expectativa de contar com uma no futuro próximo. Mesmo em cidades grandes, o acesso aos livros pode ser difícil – sobretudo em bairros de periferia ou que não contam com instituições de ensino da rede pública. Uma biblioteca não precisa ser necessariamente grande – mais importante do que a quantidade é a qualidade dos livros e o número de pessoas que têm acesso a eles. Assim, é possível organizar uma biblioteca com doações da comunidade, e os livros podem ser transportados por motos, bicicletas... há até casos de livros levados em carrinhos de mão! Claro que uma biblioteca com bons recursos contará com um acervo maior, mas as bibliotecas móveis são mais um exemplo de situação onde a ação das pessoas acaba fazendo a diferença. Em Porto Alegre, recentemente foi implantado um projeto de bibliotecas móveis dentro de táxis.



HORTAS COMUNITÁRIAS

Embora normalmente sejam associadas à zona rural, as hortas comunitárias podem ser estabelecidas em qualquer local onde haja um terreno não utilizado. Hortas comunitárias existem há séculos, mas ganharam visibilidade depois que os moradores de Detroit, uma cidade dos Estados Unidos que enfrentou recentemente uma imensa crise econômica e levou uma grande parte da população a migrar para outros lugares, passaram a utilizar terrenos baldios para o plantio de alimentos. As hortas comunitárias exercem diversas funções ao mesmo tempo: tornam a cidade mais bonita ao transformar terrenos abandonados em canteiros, aproximam as pessoas, geram um pouco de economia (afinal, os alimentos ali plantados são consumidos gratuitamente por quem planta) e cumprem uma proposta educacional, pois crianças podem ajudar no plantio e nos cuidados da safra. Além de tudo, são baratas e são fáceis de implementar.

MUTIRÕES DE LIMPEZA

É comum reclamarmos da limpeza em nossas cidades – e não é sem motivo, pois muitas vezes o acúmulo de sujeira transforma importantes espaços de convívio em depósitos de lixo improvisados. Alguns cidadãos, em vez de esperar por ações das autoridades (que costumam ser menos ágeis), resolvem colaborar com a sua parte e colocar a mão na massa... de imundícies. No Brasil, há mutirões constantes para a limpeza de praias, mas essa iniciativa também pode ser realizada em praças e parques. As únicas coisas necessárias são luvas de limpeza (como aquelas utilizadas para lavar louça – podem ser bem gastas), para evitar o contato direto com o lixo, que pode causar algumas doenças, e, é claro, um banho caprichado após o término do trabalho.



COLAB.RE

Este é um projeto nascido para ajudar a comunicação entre a sociedade e a administração municipal. Na verdade, trata-se de uma espécie de rede social para aqueles cidadãos que têm uma queixa mas não sabem para a quem se dirigir. O usuário registra o problema que verifica no dia a dia de sua cidade, e a equipe que coordena o aplicativo se compromete a repassá-lo às autoridades competentes. Mas nem só de reclamações vive o Colab: ele também permite que os utilizadores proponham projetos para melhorar o espaço urbano. Muitas vezes, mais produtivo do que reclamar é botar a mão na massa. O Colab conta com aplicativo gratuito para smartphones. O site do projeto é www.colab.re.



O LUGAR ONDE MORO TEM JEITO?

Há um ditado que diz: a grama do vizinho é sempre mais verde. Isso significa que tendemos a pensar apenas nos aspectos negativos daquilo que nos pertence, e nos positivos daquilo que pertence aos outros – inclusive quando se trata de cidades. Por um lado, isso é positivo: reconhecer um problema e entender bem as razões pelas quais ele ocorre é o primeiro passo para resolvê-los. Se negarmos as dificuldades da realidade, é impossível transformá-la.

Mas também não podemos nos deixar levar por sentimentos extremos. Afinal, se não tivermos carinho pelo lugar onde moramos, não encontraremos a energia necessária para mudá-lo. E não é preciso muito esforço para admitir que nós gostamos de nossa cidade: por mais que ela tenha seus problemas, a verdade é que parte de nossa história se mistura com a dela, e por isso sempre estaremos ligados.



O QUE MUDA UMA CIDADE

INICIATIVAS BOTTOM-UP: ações “de baixo para cima”. Chamam-se assim as ações que partem da organização espontânea de parte da população e, mais tarde, podem ser acatadas e estimuladas pelo poder público. São iniciativas descentralizadas, muitas vezes de abrangência local – a rua, o bairro –, como as que vimos nas páginas anteriores, dentre tantas outras que podemos criar.

INICIATIVAS TOP-DOWN: ações “de cima para baixo”, em inglês. São aquelas executadas pelo poder público, assim chamadas porque a administração municipal está “acima” dos cidadãos. É um tipo de planejamento centralizado e imposto à população, mas que, se bem feito, tem a aprovação da população e deve continuar com a sua participação. É importante para organizar as ações de longo prazo e que dependem de muito dinheiro. A criação de parques e grandes espaços públicos, a implantação de novos sistemas de transporte, a definição das normas para implantação de atividades e permissão para construção, entre outros, são exemplos de iniciativas que, apesar de contarem com a participação da opinião pública, precisam ser organizadas pelas agências governamentais.

EXEMPLOS QUE VÊM DE FORA

Algumas cidades ao redor do mundo se tornaram referência ao executar obras de planejamento urbano e possibilitar iniciativas populares que transformaram o ambiente em exemplos de bem-estar. Mesmo que sejam ideias vindas de outros contextos, são casos de sucesso que merecem ser conhecidos, pois podem estimular a realização de ações semelhantes no lugar onde vivemos. Entendendo casos de sucesso, podemos nos perguntar o que é possível fazer para realizar ações semelhantes no lugar onde vivemos.

PORTLAND – ESTADOS UNIDOS

Essa cidade triplicou de população em apenas 30 anos: na década de 1980, a população era de 200 mil, mas hoje ultrapassa os 600 mil. Isso gerou caos no trânsito e uma infinidade de congestionamentos – algo que pode soar bem familiar para você. A prefeitura decidiu lançar uma iniciativa *top-down*: passou a estimular a criação de “bairros completos”, que disponham de todos os serviços e tipos de comércio necessários para que as pessoas possam fazer tudo perto de casa – e sem precisar utilizar o carro. Trata-se de uma iniciativa que não poderia ter partido da população, porque exige muito planejamento, mas é uma ideia que certamente já havia ocorrido a muitos habitantes e que beneficia a todos.



BUENOS AIRES – ARGENTINA

Por ser uma cidade imensa, Buenos Aires gera 6 mil toneladas de lixo por dia. A administração buscava uma maneira de reduzir essa quantidade, pois os aterros da região já não davam conta de tantos resíduos. Assim, foi criado um programa que aborda ações como separação do lixo e conscientização da população acerca da importância da reciclagem. Como resultado, em 2014, a cidade conseguiu reduzir em 44% a quantidade de lixo enviada para aterros. Mas os *hermanos* não se deram por satisfeitos: seu objetivo é reduzir essa quantidade em 83% nos próximos dois anos. Um grande exemplo do que pode ser feito quando todos fazem sua parte.



SEUL – COREIA DO SUL

A capital sul-coreana vem trabalhando para aumentar a produção de energia verde. A solução encontrada pelo governo foi investir na produção doméstica de energia fotovoltaica, isso é, de energia solar, o que reduz a poluição do ambiente local. Um exemplo de transformação *top-down* que também pode ser realizada a partir de ações *bottom-up*. No Brasil, é comum casas que aproveitam a luz solar que incide sobre o telhado para o aquecimento da água – um sistema que gera economia a médio prazo e melhora o ar que todos respiramos.



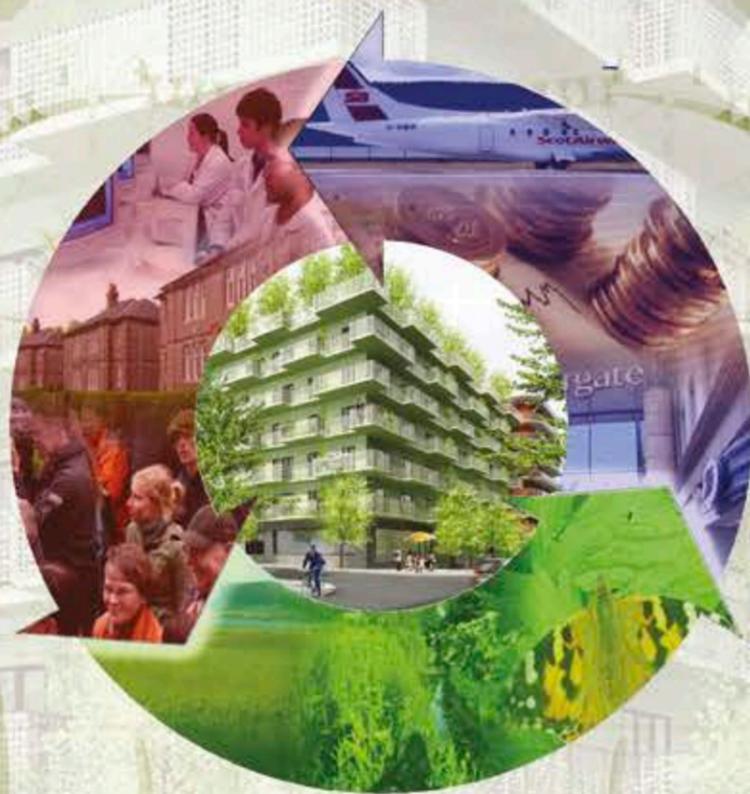
O QUE É?

“Sustentável” é um termo recorrente nos discursos de políticos, ativistas e empreendedores. Muitas vezes, no entanto, ele é usado de maneira equivocada – não são raros os anúncios publicitários que afirmam que um determinado produto ou marca é “sustentável” sem oferecer qualquer explicação ou justificativa. Esta utilização da palavra não tem objetivos nobres, mas acaba revelando algo positivo: as pessoas estão interessadas, cada vez mais, na sustentabilidade, e classificar um produto com esse rótulo o torna mais atrativo ao público.

Mas, afinal, o que significa ser sustentável? Quando se trata de cidades, isso quer dizer que ela maximiza a sua harmonia com a natureza, minimizando o impacto da urbanização sobre o meio ambiente e garantindo às gerações futuras uma boa qualidade de vida. Isso se dá através de um planejamento voltado a reduzir as emissões de gás carbônico, a poluição dos rios próximos e do ar, a produção de lixo e a elevação da sensação térmica, processos que podem gerar desregulamento no ciclo de vida das outras espécies que vivem no ecossistema onde a cidade se encontra.

Com o passar dos anos, o conceito de sustentabilidade passou a englobar também questões que não dizem respeito somente à natureza. Assim, foi cunhada a ideia de “sustentabilidade social”: a criação e a manutenção de um ambiente socioeconômico que reduza os atritos existentes entre os moradores de um determinado local. Uma cidade socialmente sustentável é aquela em que há respeito e tolerância à diversidade, garantia dos direitos de todos os cidadãos, independentemente de classe, cor, gênero ou origem, e diminuição da desigualdade de renda.

Não existe um modelo de cidade ideal que possa ser aplicado em qualquer lugar. Cada cidade tem cultura, histórias, condições climáticas e geográficas diferentes, bem como necessidades distintas. Por isso, algumas medidas de sustentabilidade que são importantes para uma determinada região podem ser inúteis – ou mesmo danosas – em outras. Isso é que faz com que seja tão complicado definir o termo. Mas uma coisa é certa: a ideia de sustentabilidade sempre está ligada à de harmonia, seja com os outros seres humanos, com as cidades vizinhas ou com o meio ambiente.



POR QUE É IMPORTANTE?

Criar uma cidade sustentável é uma tarefa complexa, que geralmente requer uma grande quantidade de dinheiro e a participação de muitas pessoas durante muito tempo. Além disso, é comum que haja muita resistência a alterações no espaço urbano devido aos transtornos causados por obras de grande porte e à demora para que a população vivencie as melhorias oriundas de um planejamento mais cuidadoso. De qualquer maneira, essa resistência tem um papel importante: muitas das críticas são válidas, representam diferentes setores da sociedade e podem efetivamente ajudar no aprimoramento do projeto.

Se o processo é tão lento e normalmente caro, será que vale mesmo a pena? Há um consenso entre estudiosos de diversas áreas de que sim. É válido. Em primeiro lugar, porque os habitantes de uma cidade sustentável e com boa estrutura vivem melhor e são mais felizes, pois têm mais tempo e espaços para dedicar ao lazer e à cultura e mais oportunidades de socialização, além de serem menos estressados. Ainda assim, há quem considere que essas justificativas são muito abstratas e variam de pessoa para pessoa, de modo que tantos incômodos não valeriam a pena.

Talvez o melhor argumento para provar que uma cidade sustentável é um objetivo a ser perseguido por todas as comunidades seja o do desenvolvimento econômico. Em uma cidade onde é mais agradável circular, as pessoas passam mais tempo na rua, há um crescimento da circulação e setores de comércio e serviços lucram bastante com isso. Além disso, a produção sustentável também torna os negócios mais sólidos, pois o uso consciente dos recursos disponíveis aumenta a solidez e a longevidade dos empreendimentos. A redução da desigualdade de renda, por fim, aumenta o poder de compra da população em geral, o que faz com que o dinheiro circule com mais facilidade – e possa gerar mais empregos. Em resumo, quando uma cidade se torna sustentável, todos saem lucrando – em todos os sentidos da palavra.

O MELHOR DA MINHA CIDADE...

Existe algo que é indispensável para que as cidades melhorem: a ação das pessoas. Mas, como vimos antes, para que os cidadãos tenham a energia necessária para transformar o local onde vivem, é fundamental que eles se sintam ligados a ela e demonstrem certa afeição pelo ambiente. Em uma palavra, é importante a sensação de *pertencimento*.

Às vezes, gostar de nossa cidade pode ser um desafio – afinal, precisamos lidar com suas inúmeras falhas e seus problemas em cada instante de nosso cotidiano. Uma boa estratégia para estimularmos a afeição por nossa cidade, valorizando o local onde vivemos, é pensar no que ela tem de melhor. Reservamos um espaço para você anotar o que mais gosta em sua cidade e, em seguida, pensar por que essas coisas são boas e o que foi feito para que elas existissem. É interessante comparar a sua lista com as de seus colegas e debater as diferenças de opiniões.

...E O QUE PRECISA (E PODE) MELHORAR

Agora que já sabemos o que cada um vê de melhor na cidade, é hora de fazer uma lista daquilo que achamos que precisa melhorar. O que mais o incomoda? Quais os principais problemas que você enfrenta no cotidiano? Pense nos principais motivos e compare com os de seus colegas. Assim, vocês descobrirão quais são as reclamações mais comuns. Quais são as unanimidades?

Um grupo de pessoas com reivindicações em comum é a chave para a transformação do espaço urbano. Após conversar com seus colegas e descobrir os aspectos que desagradam a todos, é hora de discutir o que é possível fazer para transformar a realidade. Ao lado de suas reivindicações, anote sugestões de coisas que podem contribuir para combater o problema – mesmo que sejam pequenas. Não é necessária uma ideia que seja capaz de resolver todo o problema. Na maioria das vezes, ações pontuais servem de exemplo e podem ajudar a promover grandes mudanças, desde que cada um faça a sua parte.

Um grupo de pessoas dispostas a melhorar a cidade vocês já têm. Para que isso se torne realidade, só é necessário trabalho e disposição.

BUSCANDO A FELICIDADE

A felicidade é algo difícil de definir e impossível de ser medido. Isso não quer dizer, contudo, que ela não é importante. Sabemos por experiência própria que nada é mais importante do que ser feliz. Mas a felicidade, como reflete o colombiano [Enrique Peñalosa](#), por mais pessoal que seja, apresenta alguns pré-requisitos mínimos. É difícil ser feliz se não tivermos saúde, por exemplo, e é aí que começa a ter importância o papel das cidades na felicidade das pessoas. Água potável, saneamento básico e acesso a instituições de saúde são fatores que dependem do planejamento urbano.

Peñalosa reflete que esses pré-requisitos mínimos são característicos de uma etapa inicial do planejamento urbano, que já foi superado em muitos países e na maioria das grandes cidades. Esse acesso nem sempre é universal – pessoas mais pobres costumam ter mais dificuldades –, e esse é um dos aspectos nos quais as grandes cidades precisam melhorar. No entanto, mesmo em locais que contam com uma boa infraestrutura há um grande número de pessoas infelizes. Seguindo o raciocínio do urbanista, isso é algo que pode ser consertado em uma nova etapa do desenvolvimento urbano.

Essa nova etapa diz respeito à implementação de serviços outros que não aqueles necessários à mera sobrevivência, e sim os que auxiliam a população a se realizar de maneira plena. São parques, bibliotecas, casas de *shows*, um transporte eficiente, ruas limpas, seguras e bem iluminadas, diversidade na opção de lazer... tudo aquilo que torna nossas vidas mais agradáveis. Em uma cidade onde todas essas coisas estão disponíveis, a rotina diária passa a ser mais prazerosa. Como consequência, a vida parece fazer mais sentido: todos os dias são bons e animados, e a vida não é uma eterna espera pelas férias e pelo fim de semana. Talvez seja este o maior desafio para as cidades nos tempos atuais: criar ambientes que possibilitem que todos os seus moradores se sintam realizados.

#Enrique Peñalosa
(1954)

Urbanista e economista colombiano. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2012.

AÇÃO E UNIÃO

Articulação entre as pessoas: essa é a chave para a mudança nos grandes centros urbanos de hoje. Como vimos ao longo do fascículo, uma das principais vantagens da cidade é um ambiente que congrega pessoas de diversas histórias e origens, conciliando diferentes pontos de vista. Se por um lado as diferenças são um desafio (que pode e deve ser superado através da tolerância), elas também são uma oportunidade. A busca pela felicidade é algo comum a todos os seres humanos. E essa busca só pode ser realizada se o ambiente em que vivemos for propício a isso – daí a urgência de agirmos.

Atualmente, vivemos no Brasil uma crise de confiança nas instituições. As pessoas parecem desconfiar cada vez mais dos políticos, dos órgãos públicos e dos serviços prestados à população. Para não atingir a descrença total, devemos canalizar esse descontentamento e transformá-lo em cobrança: em vez de aceitar que as coisas não funcionam, devemos ter uma postura crítica e exigir sempre que possível que os serviços prestados à população se tornem melhores e mais eficientes.

Para tanto é preciso informação, esclarecimento, transparência. O primeiro passo para a transformação é a consciência...

Os governos trabalham apenas de uma forma, conforme aprendemos, chamada *top-down*. As medidas centralizadas, “de cima para baixo”, são fundamentais, mas, por natureza, tendem a ser mais tímidas e demoradas que as ações que partem da população. Por isso, para que haja transformação real nas cidades, é preciso acontecer antes uma transformação de seus habitantes.

Devemos pensar no que podemos fazer para melhorar a nossa cidade. Trocar informações com amigos e vizinhos, pensar em nossas atitudes e colocar em prática iniciativas que resultem em melhorias concretas. Ou seja: criar e apoiar projetos do tipo *bottom-up*. Propor ações “de baixo para cima” – trabalhando em grupo em prol do lugar onde vivemos – é uma tarefa constante e que cabe a todos nós. Da mesma forma, devemos entender que vivemos em uma coletividade e que nossos atos negativos prejudicam a todos, enquanto aqueles de caráter positivo geram benefícios para todas as pessoas que moram na cidade. Então, está esperando o que para pôr as mãos à obra?

Você, que faz parte da “Geração Z”, é sujeito e protagonista do mundo no século XXI, com amplo acesso a todos os caminhos da informação abertos na esfera digital. Os relacionamentos, o conhecimento e a educação ganharam um novo cenário. Isso potencializa os momentos para que você aprenda e aja para melhorar o mundo, em atitudes que vão do seu ambiente familiar à nação, do seu bairro ao globo conectado.

As metrópoles possuem um grande magnetismo, atraindo as pessoas pelas inúmeras oportunidades que oferecem e provocando um aumento exponencial da população em um único local. Como viver juntos? Como pensar cidades voltadas para as pessoas? Muitos são os desafios, porém esta convivência entre seres tão diversos possibilita um intercâmbio de ideias que oportuniza a criação de novas possibilidades e soluções para a vida das pessoas nos grandes centros urbanos.

PATROCÍNIO



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

PARCERIA INSTITUCIONAL



REALIZAÇÃO

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO